O mundo entre os Becos

Na Rua dos Andradas, perto da Casa de Cultura Mario Quintana, Peter imaginou uma livraria onde havia um prédio deteriorado. Os filhos descrevem uma construção da qual a fachada era a parte preservada. Ele conduziu a reforma, acompanhando a estrutura e os detalhes, entre eles os adornos e a sacada de ferro. A serralheria também lhe interessava. O resultado foi uma loja de três pisos dentro de um edifício antigo do Centro.

Para a família, aquele era um projeto do coração. A Rua da Praia oferecia a possibilidade de receber quem passeava pela região, visitava a Casa de Cultura ou seguia em direção à Usina do Gasômetro. Com o tempo, abrir aos domingos e feriados se tornou parte dessa escolha. Melissa lembra especialmente do entusiasmo com as crianças levadas pela mão que nunca tinham visto uma livraria. O pai contava essas visitas e se alegrava com o espanto dos pequenos diante dos livros. A abertura da loja nos dias de descanso de outros trabalhadores dava a Peter a oportunidade desses encontros.

A cidade que Peter frequentava se concentrava nas imediações de seu trabalho. Era corriqueiro vê-lo circular entre os endereços do Beco, e suas relações se mantinham por ali. Os fornecedores incluíam pessoas que recolhiam papel para reciclagem e gente que chegava para vender ou trocar livros. Clientes se tornaram amigos. Outros livreiros também faziam parte das visitas e das conversas.

Isatir Bottin Filho, da Livraria Isasul, recorda a proximidade entre as lojas, uma em frente à outra, na Riachuelo, e as visitas frequentes do colega. "Tinha uma memória impressionante para títulos, autores e edições", diz. A lembrança profissional vem acompanhada do amigo que chegava de bom humor, pronto para uma brincadeira. Para Isatir, Peter reunia conhecimento de livros e facilidade para tornar os encontros mais alegres.

ARQUIVO PESSOAL PETER DULLIUS E FAMÍLIA/REPRODUÇÃO/JC



Fundada em 1992, Beco dos Livros tornou-se referência para leitores do Estado

O ano inteiro pensando na Feira

Peter separava livros para a Feira de Porto Alegre ao longo do ano. Guardava saldos para as caixas e preparava o período em que a Praça da Alfândega recebe bancas e leitores. Os filhos descrevem o evento como seu momento preferido, uma concentração do movimento ao qual dedicava os outros meses.

Segundo os filhos, ao final de cada dia de Feira, Peter anotava as vendas e as condições do tempo em tabelas de papel milimetrado. Fascinado por meteorologia, acompanhava a relação entre o tempo e o movimento das vendas. Até por isso, o beco participou ativamente da Feira deste ano. Segundo Guilherme, quem tem uma livraria com livros usados depende da feira. "Ela é as férias, o 13º, o Natal e o Dia das Crianças da livraria", diz.

Associado à Câmara Rio-Grandense do Livro desde 1994, Peter se tornou uma presença reconhecida no setor. A presidente da entidade, Roseni Siqueira Kohlmann, destaca a trajetória à frente do Beco e a contribuição para manter a relação entre leitores e livrarias. "Peter Dullius foi uma figura muito importante para o mercado livreiro de Porto Alegre, não apenas pela trajetória à frente do Beco dos Livros, mas também pela paixão e pelo entusiasmo com que sempre viveu o universo dos livros. Como associado da Câmara Rio-Grandense do Livro, contribuiu para fortalecer o setor e manter viva a relação entre os leitores e as livrarias. Sua

TÂNIA MEINERZ/JC



Filho Guilherme assumiu o negócio: "sempre tem uma história nova do pai"

presença, seu espírito empreendedor e seu amor pela literatura deixam uma marca na história do nosso mercado editorial. Peter fará muita falta, mas seu legado seguirá presente na memória de todos que tiveram o privilégio de conviver com ele", diz.

Nóia Kern, que trabalha há muitos anos no balcão de informações da Feira do Livro, lembra da primeira impressão que teve dele. Pela altura e pelo jeito, imaginou que fosse um visitante holandês ou alemão. A aproximação mostrou um livreiro a quem podia recorrer quando precisava de uma informação mais detalhada. "Era uma pessoa sempre de bom humor, uma pessoa com um conhecimento impressionante, no que se refere a livros e ao que se refere à questão da compra de acervos e a qualificação dos acervos. Ele tinha muita competência nisso. Agora nos últimos tempos, com uma proximidade um pouco maior, eu fui descobrindo um homem de bem com a vida. Uma pessoa que sorria pouco, mas parecia que ele vivia sorrindo", aponta.

A continuidade do trabalho segue com o filho Guilherme, que trabalha no Beco dos Livros desde a adolescência. "O trabalho e o legado das livrarias continua", diz. Ele conta que na Feira vários clientes do Beco dos Livros chegavam para conversar sobre Peter. "Todo dia tinha histórias, e várias que eu não conhecia. Lembro que um dia veio um rapaz com a camisa do Inter na banca. O meu pai era gremista. E o rapaz disse que tinha um filho chamado Andrés D'alessandro [homenagem ao famoso ex-jogador do Inter] e que eles iam sempre na livraria no fim de semana. Meu pai sempre dava coisas, presentes, do Inter para ele. Todo dia surge uma história nova sobre ele", conta.

Peter e Leona

Quando precisava descobrir quanto valia um livro raro, Leona Nunes recorria a Peter Dullius. Os dois foram companheiros e continuaram próximos depois que deixaram de ser um casal. "Eles eram muito amigos", diz Melissa. Na época em que trabalhava de dia com Peter, Leona abria à noite um bar com sinuca na rua Riachuelo. Às vezes, às quatro da manhã, ainda havia gente pedindo mais uma saideira. Em 2014, no ano em que nasceu Beatriz, sua filha, Leona trocou o bar pelo Sebo Café Riachuelo, ao lado de uma das lojas do Beco.

Peter ajudou a montar o sebo, doando livros. "Eu sempre gostei de livros, mas foi ele que me passou essa paixão de trabalhar com os livros", diz ela.

Quando Leona buscava Beatriz na escolinha e ainda precisava trabalhar, a menina ficava com Peter até a mãe fechar o bar. Ele ensinava Beatriz a tocar violão e a montar quebra-cabeças. Melissa lembra de uma foto do pai com Beatriz e Bernardo no colo. Os dois filhos de Leona, diz ela, eram como netos para Peter.

A sinuca continuou depois que o bar deu lugar aos livros. Às segundas-feiras, quando Leona fechava as lojas, os dois pegavam um Uber para jogar na Cidade Baixa. "Era uma tradição da sinuquinha, com churrasquinho", conta ela. Num torneio, os dois acabaram se enfrentando. Leona lembra que estava num dia ruim e pensou que seria eliminada. Depois de uma tacada, ouviu Peter chamá-la como de costume. "Ai, fofa, pegou na bola oito". Peter acabou eliminado, e Leona ganhou o torneio.

No dia em que ia montar uma feira em São Leopoldo, Leona fez um chimarrão e chamou Peter para sentar ali na frente e pegar um pouco de sol, algo que eles costumavam fazer. "Então, se você perguntar o que ele foi para mim: ele foi meu melhor amigo, meu anjo da guarda, meu companheiro, o pai que eu não tive, resumindo em poucas palavras, ele era tudo. Uma definição de amor e cuidado", conclui.

Rafael Gloria *é jornalista, mestre em comunicação (Ufrgs), mestrando em Escrita Criativa (Pucrs) e diretor executivo da Associação Cultural Nonada Jornalismo*